

NIGÉRIA NO FEMININO: A NARRATIVA DE BUCHI EMECHETA

NIGERIA IN THE FEMININE: BUCHI EMECHETA'S NARRATIVE

Sávio Roberto Fonseca de FREITAS*
Luciana Priscila Santos CARNEIRO**
Sayonara Souza da COSTA***

Resumo: O objetivo deste artigo é desenvolver uma análise do romance *As alegrias da maternidade* (2018) [*The Joys of Motherhood*, originalmente publicado em 1979], da escritora nigeriana Buchi Emecheta. Ancestralidade, casamento e maternidade são temas analisados a partir da perspectiva da crítica feminista, tomando por base os fluxos de consciência da narradora protagonista Nnu Ego. Buchi Emecheta problematiza com essa narrativa as instituições masculinas que oprimem as mulheres nigerianas de etnia igbo. O registro das práticas ancestrais nessa narrativa rememora o lugar de opressão da mulher na Nigéria; o casamento se configura como uma instituição de interesses no qual a mulher é sempre a moeda de troca; e a maternidade é posta como um critério de sobrevivência perante as sociedades tradicionais. Para fundamentar nossas análises sobre ancestralidade, casamento e maternidade, ancoramo-nos nos posicionamentos de Chimamanda Adichie (2015), de Oyèronké Oyewùmì (2021), Buchi Emecheta (2018), entre outros.

Palavras-chave: Literatura Nigeriana. Buchi Emecheta. Ancestralidade. Casamento. Maternidade.

Abstract: The aim of this paper is to carry out an analysis of the novel *As alegrias da maternidade* (2018) [*The Joys of Motherhood*, originally published in 1979], by Nigerian writer, Buchi Emecheta. Ancestry, marriage and motherhood are themes analyzed from the perspective of feminist criticism, based on the stream of consciousness of the protagonist narrator Nnu Ego. Through this narrative, Buchi Emecheta problematizes the male institutions that oppress Igbo Nigerian women. The register of ancestral practices in this narrative recalls the place of women's oppression in Nigeria; marriage is configured as an institution of interests in which the woman is always the currency of exchange; and motherhood is seen as a criterion for survival in traditional societies. Analysis of ancestry, marriage, and motherhood are based on the positions of Chimamanda Adiche (2015), Oyèronké Oyewùmì (2021), Buchi Emecheta (2018), among others.

Keywords: Nigerian Literature. Buchi Emecheta. Ancestry. Marriage. Maternity.

Dizem que as pessoas que estão para morrer, seja afogadas
seja por uma doença terminal gradativa, dedicam os últimos
momentos de consciência percorrendo a própria vida...
(EMECHETA, 2018, p.14)

* Doutor em Letras pela UFPB. Professor de Literaturas de Língua Portuguesa no Departamento de Letras do CCAE (Campus IV-UFPB) e do Programa de Pós-Graduação em Letras (Campus I-UFPB). E-mail: savioroberto1978@yahoo.com.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7541-3377>

** Mestra e doutoranda em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL-UFPB). E-mail: lucianapriscilasc@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5379-5535>

*** Mestra e doutoranda em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL-UFPB). Integrante do grupo de Pesquisa MOZA e GeÁFRICAS. E-mail: sayonara.costa@hotmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2657-6636>

Colocações Iniciais

Pensar o continente africano no feminino é uma das demandas que vem ocupando a crítica contemporânea sobre a produção literária de mulheres. O quesito da visibilidade, associado às escolhas feitas ainda pela indústria cultural, peca no sentido de não dar conta da emergência de se discutir obras de escritoras cujos temas são muito caros ao universo feminino africano, como: a ancestralidade, a maternidade e o casamento. Nesse sentido, justifica-se a escolha do *corpus* literário a que este artigo se dirige: *As alegrias da maternidade* (2018), da escritora nigeriana Buchi Emecheta. A referida escritora ainda é pouco estudada no Brasil, possivelmente por conta de alguns aspectos: a narrativa é publicada originalmente em língua inglesa, no ano de 1979, e tardiamente traduzida para a língua portuguesa em 2018; a visibilidade da escritora Chimamanda Adichie, eleita pela indústria cultural e pela crítica norte-americana como um dos fenômenos feministas da diáspora africana contemporânea, desvia o olhar da crítica para a narrativa de Buchi Emecheta. Fato é que Emecheta problematiza as relações da raça, classe e gênero por meio da literatura muito antes de Chimamanda Adichie.

É sempre oportuno lembrar a geografia continental da África como um labirinto de possibilidades de representação. A Nigéria, no âmbito da produção literária feita por mulheres, é, portanto, um pequeno fragmento desta dimensão continental ainda pouco compreendida pela crítica literária brasileira no tocante ao entendimento das africanidades sugeridas pelas narrativas literárias.

Como um fio de contas, a narrativa que compõe o romance *As alegrias da maternidade* vai construindo um ciclo de evolução feminina em que a ancestralidade se torna o canal de orientação para o entendimento das demandas das mulheres igbo frente ao casamento e à maternidade. Nnu Ego, uma das relevantes personagens da narrativa, vive o dilema de enfrentar a cobrança da ancestralidade frente às injustiças da tradição para com as mulheres. O casamento e a maternidade, na narrativa em tela, tornam-se instituições de opressão social e psicológica ao ponto de Emecheta mostrar, por meio das possibilidades desta narrativa, uma Nigéria que, mesmo antes de colonizada, já travava lutas físicas e ideológicas em prol da manutenção dos valores e das tradições do povo igbo.

Da ancestralidade

A Nigéria é um país africano que ainda mantém práticas milenares em relação à ancestralidade. A natureza é um elemento sagrado e extremamente protegido pelos anciões e anciãs, os mais velhos. O tempo de vida na terra representa para os nigerianos a escola de uma vida em eterno processo de aprendizado. Os vivos e os mortos transitam no mesmo plano como que ainda a resolver os dilemas de tantas existências. Buchi Emecheta se apropria desta cartografia (ALMEIDA, 2015, p18) para trazer para contemporaneidade reflexões sobre a condição da mulher de etnia igbo na Nigéria. Buchi Emecheta nasceu em Lagos (Nigéria), em 21 de julho de 1944, radicou-se em Londres e faleceu em 27 de janeiro de 2017. Sua obra conta com textos infantis, peças de teatro e romances, obras literárias empenhadas em apresentar para o mundo uma África vista e construída estética e ideologicamente sob o olhar crítico de uma socióloga nigeriana igbo.

A esposa mais velha de Agbadi, Agunwa, caiu doente naquela mesma noite. Mais tarde houve quem dissesse que a esposa se sacrificara pelo marido; mas alguns haviam observado que ela se sentira diminuída por ouvir o marido dar prazer a outra mulher no mesmo pátio que ela dormia, e a mulher que tratava tão descaradamente mal o homem que todos adoravam. Uma mulher de índole encrenqueira e impetuosa, que tinha a audácia de lutar com seu homem antes de permitir que ele a possuísse: uma mulher má. (EMECHETA, 2018, p.30).

Essa passagem da narrativa traz o momento em que Ona, muito antes de ser mãe de Nnu Ego, é possuída por Agbadi. Percebemos que Agunwa, esposa mais velha de Agbadi, sente-se desmoralizada não só pelo fato de o marido ter relações sexuais com outra mulher, mas, curiosamente, pela forma com a qual Ona destrata Agbadi, o que corrompe com os padrões de uma sociedade igbo em que a mulher pode vir a ter uma relação de submissão ao machismo imposto pela ordem social da tradição. Ona representa a insatisfação da mulher nigeriana frente a uma tradição opressora, misógina e oportunista.

...Ela é minha esposa principal, eu a trouxe aqui para Udo no dia em que me tornei Obi. Ela é a mãe de meus filhos crescidos. Você se engana, Idayi, quando sugere que talvez ela tenha morrido de mágoa ou de amargura só porque ontem à noite me diverti um pouquinho na companhia de Ona. Agunwa é uma esposa madura, não ia se incomodar com isso. Ora, se ela se tivesse essa atitude, que exemplo estaria dando as esposas mais jovens? (EMECHETA, 2018, p.31)

Podemos notar no discurso de Agbadi todo o machismo garantido por uma tradição que não o macula pelo fato de manter relações sexuais com outra mulher. O argumento da tradição o favorece e questiona a insatisfação de esposa mais velha acometida por um ataque que veio levá-la à morte. Rituais de sacrifício de cabras e galinhas foram feitos em prol da saúde de

Agunwa, mas a dor de ser substituída foi letal. Mas ainda, a tradição, por pedir no sepultamento da esposa mais velha junto à sua serva preferida, levou Agbadi a sofrer um castigo da tradição.

O certo seria que a boa escrava pulasse na sepultura por vontade própria, feliz ao partir ao lado da ama; mas aquela jovem e bela mulher ainda não desejava morrer. Desagradando a muitos homens que cercavam a sepultura, ela implorou insistentemente pela vida. As mulheres estavam afastadas, pois consideravam aquele costume revoltante. A pobre escrava foi empurrada para dentro da cova rasa, mas se debateu e saiu de novo, lutando e implorando, pedindo ajuda a seu proprietário, Agbadi. (EMECHETA, 2018, p. 32-33).

Como se nota no fragmento acima, a tradição nigeriana aqui posta tende a colocar a mulher em uma situação de penalização. A “boa escrava” deve ser grata por ser escolhida a ser enterrada viva com sua amada senhora. O fato é que, a partir deste momento, a narrativa será plenamente conduzida pela força ancestral. A boa escrava jura voltar à família de Agbadi como filha legítima. O espírito desta bela mulher que não desejava a morte volta no corpo da filha de Ona, a personagem Nnu Ego, comprometendo o percurso vital e evolutivo desta personagem ao ponto de tornar o casamento e a maternidade em fardo de tormentas e martírios. As alegrias se tornam uma ironia para a triste vida de uma mulher que se vê penalizada pela desumanidade de uma tradição que só onera o sexo feminino. Nesse sentido, a narrativa de Buchi Emecheta aponta a tradição como um sistema facilitador ao empoderamento feminino. O espírito de boa escrava vai se vingar de Agbadi, ou seja, dos homens de Ibuza, mostrando que a tradição que os privilegia também pode ser a que os fazem sofrer pelos atos desumanos contra o sexo feminino.

Do casamento: Ona, Nnu Ego e Taiwo

O casamento é um evento social que está presente nas mais diversas comunidades e culturas. Porém, o modo como eles acontecem e são estruturados podem divergir consideravelmente. Para o mundo ocidental, a concepção de matrimônio está relacionada ao surgimento da humanidade, com o mito de Adão e Eva e a constituição da família na condição de criaturas divinas. Todavia, não estamos aqui para retratar a respeito desse ideal de união judaico-cristã, pois, nas culturas africanas, sabemos que existem modelos que não são monogâmicos, portanto, o modo de se relacionar entre seus companheiros será diferente.

No livro *As alegrias da maternidade* (2018), três personagens nos chamam a atenção por estarem envolvidas em situações diferentes em relação ao ato do casamento. A primeira delas é Ona, uma mulher forte e independente que não sucumbe ao pedido de casamento feito tantas

vezes por Agbadi, que era seu grande amor. A visão de Ona juntamente com a de seu pai, a distanciou desse ideal de união que necessariamente haveria de seguir padrões estabelecidos por sua cultura.

A segunda personagem, a protagonista desse enredo, Nnu Ego, ainda cedo foi dada em casamento por seu pai a um jovem que pertencia a uma família de prestígio dentro de sua comunidade. A jovem demonstrou interesse e vontade nessa união, pois acreditava que com a chegada dos filhos seria uma mulher completa. Todavia, o destino de Nnu Ego em seu primeiro casamento foi fracassado: como os filhos não chegavam, foi hostilizada e voltou para a casa de seu pai. Não desistindo do seu ideal de maternidade, a personagem foi dada em casamento a Nnaife, homem que vivia longe de sua terra natal e dos seus costumes. É a partir desse segundo casamento que a vida de Nnu Ego passa por grandes transformações, sobretudo em relação à maternidade.

A terceira personagem citada nesta seção, que mantém relação com o aspecto do casamento, é Taiwo, filha de Nnu Ego. Esta, diferente de sua mãe, passa por um matrimônio diferente daqueles oferecidos em sua comunidade de origem. Seu noivo é um rapaz que possui certo nível de estudos e uma condição social favorável, mas o que nos chama a atenção é como ela encerra essas três gerações em um casamento tipicamente religioso cristão.

É a partir da perspectiva de leitura dessas três personagens que adentraremos agora a análises a respeito do processo que cada uma passou relacionado ao casamento (ou não casamento, no caso de Ona) e os desdobramentos ocasionados na vida de cada uma delas.

Daremos início a nossa discussão trazendo excertos relacionados à personagem Ona, seu pai e seu amado. Nesse caso, o pai de Ona é figura indispensável para pensar nos ideais que ele havia estabelecido para filha. Ela possui características marcantes, sobretudo relacionadas à liberdade, visto que Ona nunca foi obrigada a casar-se, algo que se distanciava e muito dos costumes de sua comunidade. Para que possamos entender melhor essa situação, vejamos passagens no texto. Sobre Ona e o seu não casamento:

Agbadi nunca teria imaginado que um dia, quando ela crescesse, seria um dos homens a pedi-la em casamento. O pai, apesar de diversas esposas, tinha poucos filhos e, na verdade, nenhum filho homem vivo, mas Ona cresceu para corresponder às expectativas do pai. Ele havia insistido para que ela nunca se casasse; sua filha jamais inclinaria a cabeça diante de homem algum. No entanto, podia ter homens, se quisesse, e se tivesse um filho, ele receberia o nome do pai dela, retificando assim a omissão da natureza. “E já discutimos essa questão tantas vezes antes...Minha filha não se casa com ninguém” (EMECHETA, 2018, p. 27).

Como podemos ver na citação acima, o pai de Ona teve grande interferência nessa questão do casamento ou não casamento de sua filha, visto que não era um desejo seu que ela adquirisse um matrimônio, mesmo que fosse com o melhor e mais valente dos homens. O fato dele não ter tido filhos homens, aqueles que são responsáveis por manter e levar à frente o nome da família, também contribuiu para que ele tivesse esse tipo de tratamento com ela.

De toda forma, Ona tinha total liberdade para escolher com quem iria se relacionar, poderia ter homens mesmo não estando casada, e foi isso que ela escolheu. Em determinado momento, Ona sucumbe aos encantos e pedidos de Agbadi, gerando em seu ventre um fruto. Mesmo assim, isso não foi capaz de fazer com que ela se casasse com ele, cumprindo o acordo com seu pai: se fosse homem, seria dela, e se fosse mulher, seria dada como filha de Agbadi.

O que requeemos ressaltar nesses personagens é a visão diferente do pai de Ona em reação aos outros que faziam questão de procurarem um casamento para suas filhas, pois o casamento também está relacionado a aspectos econômicos e sociais. De acordo com Canezin: “Na verdade, o casamento representou sempre, na história da humanidade, um componente de socialização voltada a interesses de sobrevivência econômica e política” (CANEZIN, 2004, p. 146). Ainda nesse sentido, cabe ressaltar que para que uma mulher fosse esposa de um homem, ele deveria pagar um dote ao seu pai, portanto, sendo um negócio que gerava lucro à família da noiva.

Assim, percebemos que a personagem Ona é colocada como um ponto fora da curva e que, mesmo a questão do casamento sendo um princípio inerente ao meio em que estava inserida, ela não sucumbiu à vontade daquele por quem nutria sentimento. Ona amou, teve sua filha e não precisou deixar sua família paterna para se unir a Agbadi, mas sabemos que seu comportamento esteve relacionado ao pedido de seu pai; assim, ela, de algum modo, foi colocada frente a um desejo masculino, a dominação de seu pai.

Adentraremos agora ao enredo de nossa segunda personagem, sendo ela a que teve relações de casamentos complexas e desgastantes. Nnu Ego foi criada por seu pai, visto que sua mãe veio a falecer quando ela ainda era pequena. Ela sempre teve o apoio paterno e a questão do casamento em sua vida surgiu também por um desejo de ser como as outras mulheres e construir sua família.

O primeiro casamento de Nnu Ego se deu por vontade da jovem, pois ela já tinha em mente que o fato de casar e ter filhos seria algo natural e bom. Mesmo que não tenha sido pressionada pelo pai, já era nítido que algo dessa natureza viesse a acontecer muito em breve. Vejamos:

A cabeça de sua filha não está mais aqui. Ela sonha com seu homem e sua própria casa. Não a deixe sonhar em vão. Afinal, suas companheiras de idade já estão tendo os primeiros e segundos filhos. Pare de rejeitar os rapazes, Agbadi; permita que um deles case com Nnu Ego. (EMECHETA, 2018, p. 44).

Nesse sentido, vemos como a personagem se distancia do modo como sua mãe vivenciou esse tipo de relação; todavia, o meio em que Nnu Ego estava inserida cobrava dela a questão da constituição do lar e do nascimento dos filhos. O futuro dela estava nas mãos de seu pai que, até então, ainda não tinha tido coragem de ceder sua filha para algum rapaz.

A respeito dessas manifestações sociais que cobram que a mulher venha a se casar e ter sua casa, Adichie, em seu texto *Sejamos Todos Feministas* (2015), aponta uma problemática importante frente a isso. A cobrança sempre será do lado da mulher, tudo que possa ocorrer dentro do seu lar reverbera diretamente a ela e como é o seu comportamento em relação ao seu companheiro, pois, se ela não seguir àquilo imposto pela sociedade patriarcal, ela será condenada.

Um amigo lhe havia prevenido para não prestar atenção no meu “discurso feminista” – sob pena de absorver ideias que destruiriam seu casamento. Essa é uma ameaça – a destruição de um casamento, a possibilidade de acabar não se casando – levantada contra mulheres na nossa sociedade com frequência muito maior do que contra homens. (ADICHIE, 2015, p. 28).

Destaquemos aqui um ponto crucial desse excerto, a condenação maior para uma mulher é não conseguir um casamento. A mulher é colocada como um objeto que serve para a formação familiar e a procriação. Esse era um dos maiores problemas enfrentados por Nnu Ego: não conseguir gerar frutos em seu primeiro casamento.

A princípio, o primeiro marido de Nnu Ego parecia respeitá-la e gostava de sua companhia, mas à medida que os meses foram passando e nenhuma gravidez ocorria, a situação entre eles piorava. Até que ele pegou uma segunda esposa e ela veio a engravidar rapidamente. Vale destacar que, como afirma Oyèwùmí (2021, p. 114), o casamento era o meio pelo qual se tinha a criação dos filhos e a ideia de continuidade. Um casamento sem frutos estava fadado ao fracasso conjugal e logo aquela mulher iria embora, por isso era comum a questão da poligamia, sendo assim um modo de garantir e perpetuar a família através dos filhos.

Para Nnu Ego, estava cada vez mais difícil continuar a conviver naquela situação e ser humilhada por sua condição de não mãe. É a partir daí que seu destino sofre grande mudança e seu pai pede para que ela retorne a sua casa. Vejamos:

“Amatokwu, não o culpo por ter batido nela com tanta violência. Não vamos discutir, porque somos parentes, mas permita que eu a leve para minha casa para que descanse

um pouco e eu tome conta dela. (...) Nwokocha Agbadi levou a filha para casa”. (EMECHETA, 2018, p. 50).

Assim, após a humilhação realizada por seu marido, ela retorna a casa de seu pai. Destacamos a questão da violência sofrida pela personagem, mesmo passando por uma situação de frustração por não poder engravidar: é violentamente agredida por ele, mostrando, assim, a situação de submissão vivida por ela naquele relacionamento. Tiburi (2018) corrobora nessas perspectivas quando afirma:

A violência contra as mulheres é, principalmente, violência doméstica, mas não só. A desigualdade do trabalho doméstico, a maternidade e toda uma lógica do próprio casamento como submissão da mulher ao homem têm muito de um tipo de violência, que é a simbólica” (TIBURI, 2018, p. 106).

O ambiente doméstico, sobretudo o casamento, é propício para que coisas dessa natureza violenta aconteçam, isto porque o homem está em posição privilegiada em comparação à mulher, que é, nessa condição patriarcal, submissa a ele. Portanto, além da violência física realizada por ele, a violência simbólica, que agride muito mais que o corpo, também perpassa a vida matrimonial de Nnu Ego. Após o ocorrido, ela volta ao território do seu pai, porém, a violência psicológica sofrida por ela reverbera no seu comportamento posterior e na tomada da decisão em não mais voltar à casa do seu marido.

Dentre tantas adversidades passadas, é na casa de seu pai que Nnu Ego encontra acolhimento das esposas dele e vai melhorando seu psicológico, porém, seu pai acredita que se ela casar novamente será algo positivo. Assim, ele busca novos pretendentes para sua filha:

Nnu Ego, minha filha querida, você sabe que comecei a tomar algumas providências para que você tenha um novo marido. – Sei pai. Observei a movimentação das pessoas. (...) -Você tem vontade de ter um marido e a sua própria família? – Sim, muita vontade, meu pai (EMECHETA, 2018, p. 54).

Nessa passagem, percebemos que por mais que Nnu Ego tenha passado por muitos problemas em seu primeiro casamento, ela não desistiu de casar-se novamente; afinal, faltava-lhe algo que só seria possível se isto voltasse a acontecer, que era a maternidade e a constituição da família que a faria uma mulher completa. A obsessão de Nnu Ego em possuir filhos e, assim, uma família, pode ser explicada pelo que afirma Zizani (2013, p. 99) que “a família constitui a sociedade primordial” e, portanto, era imprescindível na vida desta mulher.

Logo, o escolhido foi Nnaife, que estava morando na região de Lagos, muito distante daquele lugar onde Nnu Ego nasceu e viveu. O que ela não sabia era que mais uma vez um

casamento lhe custaria muito, pois por mais que os filhos chegassem, ser submissa a um homem como aquele seria um grande problema. Nnaife trabalhava lavando a roupa de um casal de brancos. Para Nnu Ego, aquela era uma atividade que estava longe de ser destinada aos homens como os de sua terra. A aparência de Nnaife também não lhe agradou: esperava alguém mais forte e parecido com os que ela estava acostumada; afinal, ele também era da mesma comunidade que ela.

A vida na nova cidade foi difícil, porém, um fato foi divisor de águas para que ela aceitasse o casamento com esse homem. Finalmente, Nnu Ego consegue engravidar do seu primeiro filho, que, por um trágico destino, vem a falecer. No entanto, chama-nos a atenção a questão de que ela começa a ver esse homem como o seu salvador por tê-la engravidado. Em sua mente ela pensa: “É mesmo, sem o que ele tem, você jamais conseguiria ser mais” (EMECHETA, 2018, p. 72). A partir do nascimento do seu primeiro filho, Nnu Ego consegue finalmente se sentir mulher através da concretização da maternidade. Todavia, o que se sucede após o nascimento de tantos outros filhos é a dura realidade de ter que criá-los sem a ajuda do marido omissos. O casamento foi, para Nnu Ego, uma prisão que a desgastou até consumi-la por completo.

Expondo, assim, a inexistência de olhar cuidadoso para as necessidades das mulheres africanas que, cada vez mais, são objetificadas e descartadas, depois de cumpridas suas funções sociais (TARDIVO, 2021, p. 81).

A personagem é um exemplo dessa objetificação, a cobrança social que recaiu sobre ela e o seu descarte quando já estava mais velha e não tinha mais o que oferecer. E assim chega ao fim a vida de Nnu Ego: depois de ter lutado para ter um casamento e, conseqüentemente, filhos, resolve que é hora de voltar para sua terra natal. Morre sozinha e à espera das “alegrias” da maternidade.

A nossa última personagem relacionada ao casamento é a filha de Nnu Ego, a gêmea Taiwo, que estudou por pouco tempo, pois os recursos financeiros foram destinados aos filhos homens e o dote de seu casamento também seria destinado a esse fim. No caso dessa personagem, destacamos a questão do casamento em uma religião diferente daquela que sua mãe e avó foram criadas: “O casamento foi na igreja de St. Paul, em Ebute Metta, e Taiwo usava um vestido branco como a neve. Seu marido era jovem e bonito, um homem muito educado” (EMECHETA, 2018, p. 312).

Como agora estão morando em Lagos, acabam por vivenciar os costumes locais. Seu marido é um rapaz estudioso, porém, decide casar com ela justamente porque ela não tem tanta

instrução e seria mais fácil ser submissa a ele. Não era interessante ter uma mulher que fosse bem-sucedida ou que tivesse instrução.

Ensinamos as meninas a se encolher, a se diminuir, dizendo-lhes: “Você pode ter ambição, mas não muita. Deve almejar o sucesso, mas não muito. Senão você ameaça o homem. Se você é a provedora da família, finja que não é, sobretudo em público. Senão você estará emasculando o homem”. Por que, então, não questionar essa premissa? Por que o sucesso da mulher ameaça o homem? (ADICHIE, 2015, p. 31).

Assim, o noivo de Taiwo a escolheu não só por manter interesse de cunho amoroso, mas por saber que poderia manipular suas vontades e dominá-la quando julgasse necessário. E mesmo longe das raízes de Taiwo, o círculo de dominação sobre a mulher continuará a existir.

Por fim, dentre tudo que vimos nesta seção, observamos que a mulher acaba envolvida em situações de subalternidade e submissão, visto que o sistema do patriarcado aprisiona e impõe diversas questões a elas. A instituição do casamento é algo que até hoje oprime mulheres em diversos aspectos. O sexo masculino consegue se sobrepor ao feminino e reprimi-las de maneiras cruéis. Eis a necessidade de estudos que levantem os devidos questionamentos em relação à temática.

As diferenças entre os sexos ficam evidentes em inúmeras circunstâncias, e é dentro desta perspectiva de mostrar tal problemática que Chimamanda Adichie escreve:

Perdemos muito tempo ensinando as meninas a se preocupar com o que os meninos pensam delas. Mas o oposto não acontece. Não ensinamos os meninos a se preocupar em ser “benquistos”. Se por um lado, perdemos muito tempo dizendo às meninas que elas não podem sentir raiva ou ser agressivas ou duras, por outro elogiamos ou perdoamos os meninos pelas mesmas razões. (ADICHIE, 2015, p. 27).

Dessa forma, percebendo a desigualdade nas relações, trazemos aqui o casamento como espelho para manifestações cruéis vividas por tantas mulheres. Se por um lado elas precisam ser preparadas para serem submissas e pensarem em como esses homens irão vê-las, pois serão uma vitrine para um bom casamento, por outro, temos homens que não têm a menor preocupação na recepção dessas mulheres. Elas são apenas objetos criados para satisfazerem seus desejos e ordens, sendo o casamento um meio bastante propício para tal.

O papel da mulher já vem definido socialmente: por mais que seja cuidadosa, ame sua família e seu marido, estará à mercê de uma ideia de que ela é má por natureza. O fardo para a mulher casada é ainda maior, pois, por mais que faça, nunca será o suficiente. Gerenciar um lar, cuidar dos filhos, são tarefas árduas, mas que são tidas como uma obrigação dela, pois foi quem escolheu tal destino.

As mulheres, façam o que fizerem, estão, assim, condenadas a dar provas de sua malignidade e a justificar em troca as proibições e o preconceito que lhes atribui uma essência maléfica – segundo a lógica, obviamente trágica, que quer que a realidade social que produz a dominação venha muitas vezes a confirmar as representações que ela invoca a seu favor, para se exercer e se justificar. (BOUDIEU, 2018, p. 53).

Assim posto por Bourdieu, as mulheres já são subjugadas por sua natureza e, portanto, carregam consigo a dominação masculina que subjaz naquilo que elas venham a representar. Aqui colocamos o casamento, a dominação está dentro deste arranjo social. E é essa condição que trazemos nesta escrita, ou seja, o olhar para a vida matrimonial das mulheres e como elas são submetidas a relações de poder que trazem grandes prejuízos na sua formação como ser independente e forte.

Da maternidade

A maternidade configura uma pressão social e cultural na vida da personagem Nnu Ego, que enxerga o “ser mãe” como o propósito da vida e o sentido do “ser mulher”. O inconsciente de completude, através da maternidade, não se restringe a uma concepção cultural nigeriana, mas a uma estrutura patriarcal imposta ao gênero feminino em diversas culturas, inclusive a ocidental, apesar dos avanços sobre o debate de repensar a maternidade ainda imposta como parte constituinte do ciclo da vida de uma mulher e não escolha individual do gênero.

Mesmo possuindo o exemplo de uma mãe livre e de personalidade forte, Nnu Ego cresce com o ideal de felicidade imposto por sua cultura: ser mãe. Tal influência também advém da admiração que a personagem nutre por seu pai, reforçador da importância da maternidade. Agbadi costuma dizer para a filha: “Você viverá para embalar os filhos dos seus filhos [...]” (EMECHETA, 2018, p. 23). A fala do pai abre caminhos para inferências definidoras do pensamento de Nnu Ego, pois “você viverá para” admite ideia de finalidade, fim este que a protagonista assume com propriedade: ter filhos, ser mãe, ensinar as tradições aos seus filhos, assim, exercer a função de mulher – não apenas a função, mas também a essência, o caráter, pois em sua cultura “uma mulher virtuosa, não tem dificuldade para conceber” (Ibid, 2018. p. 25).

O casamento, por exemplo, é visto pela personagem como um passo, o qual ela precisa trilhar para realizar o seu desejo, nada a importa mais do que poder gerar e maternar. O título irônico, dado ao livro por Buchi Emecheta, *As alegrias da maternidade*, começa a fazer sentido desde o primeiro casamento de Nnu Ego, quando as tentativas de engravidar da personagem

são frustradas, ao mostrar que a busca da felicidade através da maternidade atravessa uma longa jornada, desde as tentativas de concepção. Vimos, na seção anterior, que o primeiro casamento da protagonista dependia diretamente da maternidade; o insucesso, conseqüentemente, provocou o retorno de Nnu Ego para a casa do pai. No entanto, é perceptível durante a narrativa que, mesmo apaixonada pelo primeiro marido, ele é apenas um caminho possível para Nnu alcançar a sua desejada alegria e cumprir seu papel culturalmente, pois o seu valor é mediado por esta manutenção, como é possível notar quando ela fala em pensamento com sua chi, questionando o porquê de não conseguir gerar uma criança: “Ah, minha chi, por que essa necessidade de me rebaixar tanto? Por que devo ser castigada?” (Ibid, 2018, p. 25).

O rebaixamento referido pela personagem está não apenas no sentido social, mas em seu imaginário do que é ser mulher. Na verdade, as duas concepções andam atreladas: para ela ser validada como mulher, ela precisa ter a capacidade de gerar; como personagem que valida as construções culturais do seu povo, Nnu Ego precisa satisfazer a sua sociedade e a sua cultura para também sentir-se completa. Sobre tal desqualificação da mulher impossibilitada de gerar, Paulina Chiziane, outra importante escritora africana, lembra que “a obsessiva ideia da mulher mãe afasta a mulher estéril da categoria humana.” (CHIZIANE, 2008, p. 29).

Segundo Akujobi (2011, p. 4), a capacidade da mulher de ser a única capaz de gestar, possibilitou autenticar a crença da maternidade como parte essencial da mulher, sendo imposta ao gênero; assim, a mulher que não pode ser mãe, está vazia. Ainda de acordo com Akujobi (2011, p. 4), na tradição nigeriana, só deve ser considerada uma mulher de verdade aquela que prova ser fértil; desse modo, o índice de maternidade é utilizado para definir as “mulheres reais”.

Sendo assim, inicialmente, a busca pela alegria por parte de Nnu Ego é também o caminho o qual ela precisa percorrer para ser validada como mulher na sociedade, como parte do seu meio. Desse modo, mais uma vez o casamento será apenas uma parte para alcançar a sua realização e, por isso, mesmo possuindo repulsas por seu novo marido, Nnu Ego deposita nele a esperança de ser aceita e legitimada como verdadeira mulher: “Outro pensamento cruzou sua mente: e se aquele homem a engravidasse, sua gente não ficaria louca de alegria?” (EMECHETA, 2018, p. 37). Ao contrário do que se espera na ordem de uma relação afetiva, aqui a maternidade não surge como consequência do sentimento amoroso entre duas pessoas ou da boa relação entre elas, mas ela é o caminho para a manutenção do bom relacionamento entre marido e esposa. Esse pensamento fica claro quando mais uma vez ela desabafa com sua chi:

Ah, minha mãe querida, por favor, faça esse sonho virar realidade. Se isso acontecer, vou respeitar esse homem, serei sua esposa fiel e aceitarei seus modos grosseiros e sua aparência desagradável. Ah, por favor, me ajudem vocês todos, meus antepassados. Se eu engravidasse – hmmm [...] (EMECHETA, 2018, p. 37).

É nesse segundo casamento que Nnu Ego pode finalmente vivenciar a maternidade, de fato. No entanto, a experiência da maternidade coincide com outra nova perspectiva: a de não se sentir parte do lugar em que vive. Com o segundo casamento, a protagonista precisa mudar-se para Lagos, onde seu marido vive. Assim, a personagem é obrigada a viver um entre lugar, principalmente quando diz respeito aos comportamentos do marido, adaptado à cultura do colonizador, mais habitual na cidade em que vive. O comportamento de Nnaife difere completamente na visão de maternidade de Nnu Ego, considerando que, no comportamento tradicionalista, a mulher mãe tem o seu lugar estabelecido e de certo modo valorizado; na visão ocidental, maternar não é o suficiente para que uma mulher seja respeitada. O companheiro de Nnu Ego vive entre as duas culturas, exige da protagonista o comportamento que se espera na tradição igbo; no entanto, não a valoriza como ela espera após descobrir a gestação.

A personagem esperava que a gestação transformasse a sua vida de imediato, e as contradições da maternidade concreta começam quando Nnaife percebe a gravidez de Nnu Ego e a trata de forma fria e agressiva. A protagonista declara a sua decepção ao dizer que ele é um destruidor de sonhos e que imaginava outra situação para este momento: “quando contasse a meu marido que estava esperando uma criança faria isso com alegria, com delicadeza...” (EMECHETA, 2018, p. 45). No entanto, ela continua a sonhar com as alegrias que a maternidade lhe proporcionará e sente-se abençoada quando dá à luz ao seu primeiro filho, pois “o fato da criança ser um menino lhe dava um sentido de realização pela primeira vez na vida” (EMECHETA, 2018, p. 45). Além disso, estava segura quanto ao pensamento de que “teria uma velhice feliz, de que quando morresse deixaria alguém atrás de si que se referiria a ela como ‘mãe’”. (EMECHETA, 2018, p. 45). Mais uma vez, infere-se alegria como sinônimo de pertença a um lugar social, pois ser mulher e ser mãe são conceitos que andam atrelados, formando uma única possibilidade de indivíduo feminino.

Pode-se observar, também, a construção da personagem através de uma maternidade compulsória; assim, a maternidade lhe é imposta, mas também é naturalizada. A naturalização forja a obrigação e, conseqüentemente, o imaginário da mulher que vive nesse âmbito, em que ser mulher é sinônimo de procriar e maternar. Nnu Ego acredita verdadeiramente na condição da sua felicidade estar atrelada à maternidade. O seu desejo como de todo ser humano – mesmo que ela não perceba – é ser feliz, ter alegrias e provocar alegrias, porém, a sociedade em que

creceu e ensinou que o único sinônimo de felicidade possível a uma mulher é a maternidade; afinal, só a mulher pode gerar, gestar e ser mãe. Tal maternidade é colocada culturalmente para as mulheres como algo nato, natural e até romantizado, por isso “as alegrias da maternidade”. Nnu Ego tem o desejo da maternidade forjado. Ela passa a acreditar nesse desejo, a viver por ele, em busca das alegrias que apenas a maternidade poderia lhe conferir, segundo as suas crenças. A personagem também tem consciência de que a realização da maternidade faz parte da sua socialização. Ela não quer ter apenas seu lugar na sociedade e em sua família, mas ela quer ter o seu lugar de mulher, cumprir a função da mulher em sua cultura tradicional: possuir o papel “sagrado” de mãe. Nota-se na fala da personagem, quando declara:

Sei o que você quer dizer. As meninas são filhas do amor. Mas, entenda, só agora, com esse filho, vou começar a amar aquele homem. Ele me transformou numa mulher de verdade – em tudo o que quero ser: mulher e mãe. Então, já não tenho motivos para odiá-lo. (EMECHETA, 2018, p. 44).

Após quatro semanas de vida, o primeiro filho de Nnu Ego morre. A protagonista entra em completo desespero e tenta cometer suicídio. No entanto, é salva pelo amigo do marido. A morte do primeiro filho representou a segunda sensação de fracasso para a mulher, sendo a primeira quando acreditava ser estéril. Encontrar o filho morto significava o fim da maternidade ou a incapacidade de ser mãe e, principalmente, de ser mulher. Como é possível perceber na passagem abaixo:

Quem lhe daria a força de contar ao mundo que fora mãe, mas fracassara? Como as pessoas conseguiriam entender que ela desejara tão desesperadamente ser uma mulher como todas as outras, mas que fracassara pela segunda vez? *Oh, Deus, seria tão bom se essas pessoas, mesmo com suas boas intenções, tivessem simplesmente me deixado em paz.* (EMECHETA, 2018, p. 50)

Estar em paz significava ver-se livre daquela saga. Morrer poderia significar acabar com a necessidade constante de provar para a família, para a sociedade e para si mesma que ela poderia concretizar o ideal de mulher. Se, com a licença da palavra, Simone de Beauvoir diz que “ninguém nasce mulher, torna-se mulher”, Nnu Ego já sentia o peso cultural por tornar-se mulher – aqui, ser mãe. Quando se fala em maternidade, a busca desenfreada de Nnu Ego não se dava apenas pelo seu imaginário ideal da mulher verdadeira, mas também por condições biológicas, pois o tempo pode não ser favorável para o famoso “relógio biológico” que demarca a idade reprodutiva e capacidade de fertilidade natural.

A maternidade chega à protagonista novamente e novamente, trazendo novas “alegrias”. O retorno dos padrões de Nnaife à Inglaterra demarca o começo da maior luta de Nnu Ego por

seus filhos. A personagem passa a maior parte da narrativa lutando sozinha pela educação e sustento dos filhos, meninos e meninas. O marido vai para a guerra, e ela passa a viver apenas com os filhos, sempre aguardando o retorno dele, sonhando com o que ele pode trazer para o sustento. No entanto, é pelas mãos de Nnu Ego que os filhos e as filhas crescem e são criados. A mãe vê-se desamparada, sozinha e sem ter a quem recorrer; vê seus filhos passarem fome, precisando vender as próprias roupas para alimentá-los, “dizendo para si mesma que se os filhos vivessem e crescessem, eles seriam as únicas roupas de que ela teria necessidade na vida” (EMECHETA, 2018, p. 85). Agora, a saga de Nnu Ego não é apenas reconhecer-se como verdadeira mulher, mas proteger os seus filhos, garantir-lhes vida digna e sentir-se e ser considerada boa mãe, como se observa na seguinte passagem: “Obrigada, minha chi, por meus filhos serem fortes e saudáveis. Um dia eles viram gente”. (EMECHETA, 2018, p. 144).

A difícil jornada da protagonista é demonstrada por Buchi Emecheta não apenas no desgaste emocional de Nnu Ego, mas também na aparência física, resultado dos impactos causados pela maternidade e pelo cuidado que fica limitado aos filhos, deixando de lado os próprios cuidados. Enquanto o marido parecia cada vez mais jovem, “Nnu Ego, estava parecendo – e se sentindo – muito velha depois de dar à luz apenas três crianças” (EMECHETA, 2018, p. 98). A romantização e a certeza do ideal de maternidade distante já rondava a personagem, que admitia em seus pensamentos: “A coisa toda era tão injusta” (EMECHETA, 2018, p. 98). Apesar do fluxo de consciência sinalizar a injustiça na imposição ao ser mulher, as tradições ainda regem as ações de Nnu Ego. Ela continua gerando filhos, buscando dar filhos ao marido; é nítido que o número de filhos aos quais ela se submete ter significa a busca incessante pelas tão sonhadas alegrias que a maternidade pode lhe proporcionar. A personagem vive idealizando um futuro e, para isso, ela ignora todas as frustrações e lutas que enfrenta em seu presente. Assim:

Só por ser mãe de três filhos, era obrigada a ser feliz em sua pobreza, em sua agonia que a levava a roer as unhas, em seu estômago convulsionado, em seus farrapos, em seu quarto atulhado... Ah, que mundo desconcertante!” (EMECHETA, 2018, p. 138).

O impasse de consciência que Nnu Ego vive demonstra o porquê de ela não se desprender do ideal de maternidade completamente. De alguma forma, para ela, o futuro sempre reservará o status de mulher verdadeira, o status de mãe ideal e, conseqüentemente, em algum momento, tal status lhe dará felicidade, orgulho, não só a ela, mas às pessoas também: orgulho da lembrança que ela representará enquanto mulher-mãe.

As alegrias da maternidade na vida de Nnu Ego não eram os momentos memoráveis e os laços que construiu com seus filhos. Com muita dificuldade e com um marido ausente, Nnu Ego fez o que pôde pelos filhos, buscou pelo o que ela considerava o ideal de encaminhamento para cada um, deu estudo para os homens e viu as filhas casarem, todos em condições de vida melhor do que a que ela conheceu quando foi para Lagos. Tendo o marido preso e os filhos encaminhados, retornou à Ogboli, sua terra natal. Nem isso foi suficiente para permitir que Nnu Ego vivesse as tão sonhadas alegrias. A ausência e indiferença dos filhos matavam aos poucos a mãe: “Nnu Ego suportou tudo aquilo sem reagir, até que seus sentidos começaram a ceder. Tornou-se vaga, e as pessoas comentavam que ela nunca fora forte do ponto de vista emocional” (EMECHETA, 2018, p. 187). Somente ao fim da sua vida, a mãe-mulher pôde se dar conta de que aquele modo que lhe era imposto, alegrias da maternidade, era sinônimo de desafios e até mesmo de frustrações. Nnu Ego morre abandonada, mas, antes, ela se abandonou, quando foi coagida a acreditar que apenas a maternidade lhe tornaria uma mulher completa, mulher esta que ela até passou a ser culturalmente, mas não sentiu ser verdadeiramente.

Como mulher-mãe, as cobranças a Nnu Ego persistiram mesmo após a sua morte, e as suas alegrias foram reduzidas a um enterro digno, “pois o que mais uma mulher poderia desejar, além de ter filhos que lhe dessem um sepultamento decente?” (EMECHETA, 2018, p. 188).

Assim, Buchi Emecheta finaliza a sua narrativa e a vida da personagem Nnu Ego, que serve como personificação da ironia imposta pelo ideal de maternidade. Emecheta reivindica um novo olhar para a escrita literária nigeriana, traçando uma nova representação da mulher. Apesar de Nnu Ego seguir o que se espera dela como mulher e traçar como meta de sua felicidade a maternidade, é na narração e nos fluxos de consciência da personagem que percebemos o entre lugar em que ela se encontra: mesmo acreditando na importância de ser o que dela esperam, ela compreende a injustiça e o peso que carrega por não quebrar os ideais impostos. Talvez, o mais comum a se fazer seria provocar novos debates sobre a maternidade, trazendo a segunda esposa de Nnaife, Adaku, como protagonista, considerando que esta se rebela contra a tradição. No entanto, a autora trilha o caminho menos óbvio. Nnu Ego insiste até o fim da sua vida em exercer com a excelência que pode o papel que lhe é imposto: seja por sua cultura de origem, ou pela cultura do colonizador, ela tenta ser a mãe-mulher perfeita nos dois mundos. Contudo, são justamente sua busca incessante pelas alegrias da maternidade e as suas frustrações capazes de fazer refletir: até que ponto a maternidade deve ser romanceada?

Últimas considerações

Diante das análises empreendidas, podemos afirmar que a narrativa de Buchi Emecheta se mostra e se posiciona no feminino pelo fato de em nenhum momento a voz das mulheres ser excluída da reflexão em torno dos temas da condição feminina que as submete a diversas penalidades por causa de uma tradição que elege o sexo masculino como centro dos favorecimentos e privilégios. A ancestralidade mostra o seu poder pela força de uma espiritualidade que cobra da sociedade nigeriana igbo a humanização e a harmonização entre homens e mulheres.

O casamento se torna o espaço de denúncia contra os interesses de um povo que só quer os favorecimentos econômicos trazidos pelas esposas, as quais se submetem a uma tradição de submissão e constante humilhação. Os homens igbo, nesta narrativa, exigem das mulheres uma falsa gratidão que é justamente julgada pelo espírito da boa escrava. A colonização aparece na narrativa como um processo intensificador para o sofrimento das mulheres que, por medo ou dúvida, optam por obedecer veementemente a uma tradição ancestral machista e repressora.

A maternidade desempodera as mulheres pela infelicidade de ser mãe nesta narrativa. Nnu Ego conta sua estória com todos os cuidados de uma mulher que, mesmo sendo filha de um líder nigeriano e fadada a ser subserviente a uma tradição opressora, deseja ser uma mãe no sentido da completude do sexo feminino. A personagem gesta uma narrativa no feminino em que a Nigéria é apresentada como um território diaspórico, onde a urbe e o orbe guerreiam sob as influências da tradição igbo e da colonização inglesa, fazendo repensar a integridade de uma família fraturada pelos valores do seu povo.

Muito ainda há que se observar na narrativa de Buchi Emecheta. As tensões e intersecções que se movem pelas relações de raça, classe e gênero ainda podem render muito como mote para discussões sobre uma apresentação da Nigéria sob o comando de uma voz de mulher.

Referências

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Sejamos todos feministas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

AKUJOBI, Remi. Motherhood in African Literature and Culture. **Comparative Literature and Culture**. West Lafayette, v. 13, abr., 2011. Disponível em: <https://docs.lib.purdue.edu/clcweb/vol13/iss1/2/>. Acesso em: 3 ago. 2021.

ALMEIDA, Sandra Regina Goulart. **Cartografias Contemporâneas: espaço, corpo, escrita**. Rio de Janeiro: 7 letras, 2015.

BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo**, v.I, II. Tradução Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

BOURDIEU, Pierre. **A Dominação masculina**: a condição feminina e a violência simbólica. Tradução: Maria Helena Kuhner. 6. ed. Rio de Janeiro: BestBolso, 2018.

CANEZIN, Claudete Carvalho. A mulher e o casamento: da submissão a emancipação. **Revista Jurídica Cesumar**, v. 4, n. 1, p. 143-156, 2004.

CHIZIANE, Paulina. **O alegre canto da perdiz**. Lisboa: Caminho, 2008.

EMECHETA, Buchi. **As alegrias da maternidade**. Tradução: Heloisa Jahn. 2.ed. Porto Alegre: Dublinense, 2018.

OYÈWÙMÍ, Oyèronké. **A invenção das mulheres**. Construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

TARDIVO, André Eduardo. As (im)possíveis alegrias da maternidade: a representação feminina colonizada no romance de Buchi Emecheta. **Macabéa – Revista Eletrônica do Netli**, Crato, v. 10, n. 3, p. 80-99, 2021.

TIBURI, Márcia. **Feminismo em comum**: para todas, todes e todos. 7. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.

ZINANI, Cecil Jeanine Albert. **Literatura e gênero**: a construção da identidade feminina. 2. ed. Caxias do Sul: Educs, 2013.

Recebido em: 13/08/2021

Aceito para publicação em: 30/08/2021